

## **Do oral ao hipertexto: A (re)existência do cordel na superfluidez do ciberespaço<sup>1</sup>**

**Gabriela Santos Barbosa<sup>2</sup>**  
**Luiz Adolfo Andrade<sup>3</sup>**

**Universidade do Estado da Bahia**

### **Resumo**

O presente artigo busca refletir como a Literatura de Cordel se utiliza do ciberespaço para divulgar, publicar e comercializar seus folhetos. Para tanto, traçou-se uma espécie de cronologia, a partir de estruturação histórica dessa Literatura, as transformações acerca dos diversos suportes que incorporou ao longo de sua trajetória: do oral ao impresso, até o hipertexto, como forma de resistir/(re)existir no ciberespaço. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de cunho bibliográfico (com fontes impressas e eletrônicas). O trabalho aqui parcialmente sistematizado se pautou na metodologia de estudo de caso, que por sua vez foi realizado em meio ao site da Academia Brasileira de Literatura de Cordel – ABLC. As principais fontes teóricas tomam como base os estudos de Pierre Lévy (1993, 1998, 2009), Zanutto (2007), Galvão (2001), Lemos (2004), entre outros.

**Palavras-chave:** Cordel; Ciberespaço; Contemporâneo; Hipertexto; Oralidade.

### **INTRODUÇÃO**

A Literatura de Cordel, como é conhecida atualmente, remonta a uma forte tradição oral. Advinda da região Ibérica, está entre nós desde os séculos XVI e XVII. Os primeiros registros impressos dessa poética, conhecida como ‘folheto’, ‘livrinho de feira’, ‘romance’, livro de história antiga’ ‘poesias matutas’, entre outras denominações, datam do final do século XIX e início do século XX. O termo cordel,

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Educação e Cibercultura, do VIII Simpósio Nacional da ABCiber, realizado pelo ESPM Media Lab, nos dias 03, 04 e 05 de dezembro de 2014, na ESPM, SP.

<sup>2</sup> Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos – PPGESA, da Universidade do Estado da Bahia. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia – FAPESB. Contato: gabinha-23@hotmail.com

<sup>3</sup> Jornalista, doutor em comunicação e cultura contemporânea (cibercultura) pela Universidade Federal da Bahia – UFBA. Professor do curso de comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos – PPGESA, da Universidade do Estado da Bahia. Contato: laandrade@uneb.br

no entanto, é uma alusão ao fato de que os ‘folhetinhos’ ficavam dispostos em barbantes ou cordões. Com isso, passam a receber a denominação de Literatura de Cordel, mas somente a partir da década de 1970, quando um novo público se configura e ela passa a ser disseminada com essa nova acepção (GALVÃO, 2001).

Desde sua chegada ao Brasil, trazida pelos portugueses<sup>4</sup>, essa parte da literatura passou por atualizações. Em outros países europeus houve publicações similares: os *chapbooks*, na Inglaterra; a *literatura de colportage*, na França e os *pliegos sueltos*, na Espanha. Mas foi aqui no Brasil, especificamente no Nordeste, onde o cordel ganhou força e forma ao desenvolver técnicas para o uso da métrica, diferenciando-se da literatura de cordel portuguesa, que não possuía uniformidade (ABREU, 1999).

A poética dos folhetos foi bem aceita por diversos públicos no Brasil, de Norte a Sul. E é nessa perspectiva que se aproxima de cultores específicos, pouco letrados, e se transforma em um instrumento de informação e formação em meio à população nordestina, provida de poucos meios comunicacionais. Assim, a Literatura de Cordel vem, desde sua concepção, a estimular o pensamento crítico e reflexivo de seus fruidores, haja vista que contribuiu sobremaneira para sua inserção na cultura letrada. A poética do cordel então evoluiu, passando da comunicação oral apenas para a comunicação escrita (GALVÃO, 2001).

Atribui-se a Leandro Gomes de Barros (1865-1918) o início da impressão sistemática das histórias rimadas em folhetos. O primeiro deles a ser localizado foi impresso em 1893, momento em que se multiplicavam as tipografias em todo o país. A partir de então, teve início a (re)produção em série dos folhetos e seu auge se deu entre as décadas de 1930 e 1950, quando se consolidou o formato conhecido até hoje.

De 1950 em diante, o cordel viveu um processo contínuo e evolutivo em seu contexto informativo, mas teve sua morte anunciada nos idos de 1970. Conseguiu se revigorar ao se tornar objeto de estudo de muitos pesquisadores. Após essa etapa de seu histórico, enquanto o cordel sobrevivia à extinção, nascia outro meio de conceber a escrita: o computador. O texto sai da página e avança para a tela. Sem dúvida, os adventos da computação e da internet modificam o ato escrever, levando a escrita ao

---

<sup>4</sup>Atribuimos à origem dos ‘folhetos’ aos portugueses. Entretanto, alguns estudiosos ainda discutem a origem desse tipo de literatura no país, dado o fato de ser uma literatura eminentemente oral em um país com enorme influência étnica e cultural (GALVÃO, 2001).

campo do hipertexto, por meio de um emaranhado de nós e de significação interligados por palavras, páginas, imagens, fotografias, gráficos *etc.* (LÉVY, 1993).

Nota-se que mesmo em meio a tantas mudanças o cordel buscava e busca até hoje uma forma de resistir frente à era da cibercultura. Com isso, esboça-se uma questão: como será que a Literatura de Cordel, permanecendo marcadamente oral, encontra formas para (re)existir na superfluidez do ciberespaço? A partir desse novo contexto, faz-se necessário analisar como o cordel se utiliza do ciberespaço para divulgar, publicar e comercializar seus folhetos. Faz-se possível conjecturar, em resposta ao questionamento que assim como no início do século XX o cordel ganhou espaço entre as técnicas de impressão existentes, como as tipografias, agora encontra meios de ambientação na internet, como forma de disseminar sua poesia. Dessa maneira, observa-se que o cordel acaba por agregar à impressão os recursos tecnológicos e, por meio do hipertexto, passa a se apoderar das ferramentas do espaço virtual como forma de continuar ativa – do final do século XX e nessas primeiras décadas do século XXI.

Para a consecução do objetivo aqui proposto, tomaremos como *locus* de análise o sítio eletrônico da Academia Brasileira de Literatura de Cordel. Por meio desse estudo de caso, poderemos compreender como esse tipo de literatura lança mão do hipertexto como forma de propagar seus textos.

### **A evolução do cordel: da oralidade à cultura de massa**

De acordo com Galvão (2001), o cordel faz parte da tradição cultural ibérica, como defendem alguns teóricos. Já em terras brasileiras, os folhetos encontraram no nordeste brasileiro um terreno muito fértil para sua disseminação, talvez pelo fato de que nesta região o costume de contar histórias nos serões familiares, nas fazendas ou engenhos sempre foi atividade comum a ser desenvolvida em sociedade, como acontecia nos períodos históricos compreendidos entre Brasil Colonial e Imperial. Galvão ainda explica que:

Esse costume proveio de uma longa tradição ibérica, dos romanceiros, das histórias de Carlos Magno de os Doze Pares Da França e outros grandes livros populares [...]. As histórias eram veiculadas por cantadores ambulantes, que iam de fazenda em fazenda, de feira em feira, transmitindo notícias de um lugar para outro, aproximado as pessoas. Reproduziam histórias, inventando

casos, improvisos, repentes, desafios e pelepas entre cantadores (GALVÃO, 2001, p. 31).

Uma das matrizes da literatura de cordel brasileira é a cantoria nordestina, herança híbrida provinda dos cancioneros medievais, que no nosso Nordeste ganhou contribuições africana e indígena (GALVÃO, 2001). Essas canções se modificavam na passagem do tempo e no intercâmbio entre seus produtores, irradiando-se de boca em boca pelos terreiros e pelas feiras.

O surgimento da cultura do cordel e seu enraizamento no Brasil principiam em meados do século XVIII, quando prevalece ainda a forma usual de divulgação oral e performática, herança de sua origem europeia. Dada a escassez de técnicas que permitisse a circulação dos folhetos, estes “eram cantados, quase sempre acompanhados de um instrumento musical de corda que o próprio cantador tangia, enquanto cantava” (MOISÉS, 1968, p. 28).

No Nordeste brasileiro, o estilo de expressar a poesia dos folhetos, cantada ou recitada à moda dos trovadores medievais, ganha força via oralidade. De modo rudimentar, vez por outra era impressa, sendo, portanto, agraciada pelo gosto das populações rurais. Foi a partir dessa perspectiva de conquistar outros públicos que esse modelo literário se aproximou de muitos lugares, cidade e povos e se transformou em um instrumento de (in)formação muito poderoso (GALVÃO, 2001)

Foi somente no final século XIX que a técnica de impressão, ainda pouco desenvolvida, instala-se no Nordeste, quando máquinas tipográficas obsoletas nos grandes centros comerciais foram trazidas à região e alguns autores-editores de cordel viram, aí, a oportunidade de “imprimir o que escorregava na boca dos cantadores” (GALVÃO, 2001, p. 39).

Por esse breve período histórico, observa-se que o cordel foi se adaptando aos novos tempos, sem recusar os recursos, por assim dizer, modernos que foram surgindo, abrindo-se à demanda de novas formas de produção, como a xilogravura. Embora feita a partir de processos elementares de impressão, já se constituía um avanço para a fixação da imagem no papel.

Em meados do século XX, a produção cordelística se intensifica. Ganha destaque na cultura nordestina, tomando para si o papel que tinha o jornal: informar. A partir de então se especializa, não mais tendo a cantoria como referência: surge o

poeta de banca<sup>5</sup> em contraste com o poeta de viola, causando forte diferença na composição do verso:

Pode olhar que a métrica do poeta de banca é diferente da do cantador de viola. Quando o cantador vai cantando e ele vê que vai dar uma sílaba a mais aí ele prende a voz pra dar a métrica, e quando é o contrário ele solta a voz pra dar a métrica, e quando é o contrário ele solta a voz pra dar exato. Já o cordel escrito na banca tem que ser exato, porque ali o matuto é quem vai ler, e é quando está faltando uma sílaba. E os cantadores quando escrevem, de vez em quando colocam uma sílaba a mais, outra hora, a menos. Porque ele está habituado com a cantoria, aí rima bem, mais a métrica fica naquela base (ANTOLOGIA, 1978, p. 40).

A inclusão de dados modernos na produção do cordel não para por aí. Assim, resiste a cada momento histórico, evoluindo ao se adaptar. Entretanto, após a década de 1960, com os adventos, sobretudo, do rádio e da televisão, o cordel conhece seu declínio: as demandas caem, as tiragens param de ser impressas e parece ser o fim (GALVÃO, 2001). Mas o inesperado acontece! À procura de um novo público consumidor e produtor dessa literatura, o cordel se associa aos setores urbanos e letrados, como pesquisadores, estudantes universitários, músicos, entre outros, insiste e como que renasce em novos suportes e ambientes.

Martín-Barbero (2004) nos ajuda a entender que tal recuperação filia-se a uma expressão ambígua, heterogênea e conflitiva fazendo com que o cordel apareça, por um lado, como memória e, por outro, pronto para “o conflito entre a economia da abstração mercantil e a do intercâmbio simbólico” (MARTIN-BARBERO, 2004, p. 120).

Com fôlego renovado, o cordel caracteriza-se, agora, pela reprodução dos folhetos sob formas contemporâneas de produção gráfica, bem como pela adaptação de suas temáticas aos eventos ocorridos. Assim, recupera forças, conquista mídias que tinham como centralidade a fala, a sonoridade e o movimento.

No início da década de 1970, a Literatura de Cordel no Nordeste está nos rádios e até na televisão, sendo mote de inspiração para produções cinematográficas e livros (ANTOLOGIA DE CORDEL, 1978). Conforme Lemos (2004), esse foi um período de informatização da sociedade, em meio ao qual se transformaram as práticas sociais,

---

<sup>5</sup> No jargão dessa literatura, são comuns os termos ‘de banca, de bancada ou gabinete’, entre outros (AMORIM, 2007). Na busca por compreender e estudar a literatura de cordel em meios cibernéticos, Maria Alice Amorim vai um pouco além desses termos, quando se refere aos cordelistas virtuais como “poetas (...) agora também de mouse, tela e teclado” (2007, p. 97).

a vivência nos espaços urbanos e a forma de produzir e consumir informação. Entre 1980 e 1990 assiste-se à popularização da internet, quando se faz possível conectar as pessoas ao ciberespaço, que se desenvolve de modo onipresente envolvendo os usuários numa conexão ampla e generalizada.

Foi justamente na década de 1990, com a intensificação do uso da internet no Brasil, que os cordelistas encontraram um espaço para divulgar seus textos, ainda que de modo tímido e resguardado, pois muitos cordelistas acreditavam que a internet descaracterizaria o cordel enquanto elemento de tradição. Contudo, mais uma vez o cordel surpreendeu e inovou, ao aceitar a internet como novo suporte. Nas palavras do cordelista Gustavo Dourado observa-se que:

O cordel subsiste, sobrevive, apesar das idiossincrasias, intempéries, dificuldades e antropofagias da Indústria cultural midiática, globalizante e da invasão cultural norte-americana. São imprescindíveis a divulgação na mídia e na web, distribuição eficiente, abertura de espaços e fóruns de discussão e de publicação de textos de cordel, de autores tradicionais e contemporâneos, para dinamização do movimento da Poesia Popular Universal. A Internet é um espaço primordial e dinamizador de nossa literatura popular (DOURADO, 2007, s/p).

Assim como Dourado<sup>6</sup>, poeta que divulga e comercializa seus cordéis por meio da internet, outros cordelistas também o fazem, “mas sem esquecer sua forma original”, como nos lembra o escritor Franklin Maxado, que também se utiliza de um *Blog*, onde disponibiliza cordéis digitalizados somente para leitura, mas os vende sob encomenda. Para Maxado Nordestino, como também é conhecido, os folhetos de papel precisam continuar existindo, pois “sem eles não se consegue ter dimensão do tamanho de nossa cultura popular”<sup>7</sup>.

### **Literatura de cordel no ciberespaço**

Com a propagação do uso da internet no Brasil e o desenvolvimento de recursos tecnológicos, observa-se maior intensidade no acesso ao computador (ARRUDA, 2004). Desse modo, encontramos atualmente o cordel eletrônico, ou seja,

---

<sup>6</sup> *Blog* do autor: <<http://gustavodourado.wordpress.com/>>. Acesso em 10/06/2014.

<sup>7</sup> Resposta concedida pelo cordelista, xilogravurista e pesquisador do cordel, Franklin Maxado, ao ser questionado sobre seu posicionamento diante das novas mídias para a literatura de cordel durante uma das edições do Projeto “Prosa e Verso”, ocorrida em 17/06/2014 – Campus da UNEB em Euclides da Cunha, DCHT/XXII. *Blog* do autor: <<http://franklinmaxado-cordel.blogspot.com.br/>>. Acesso em 20/06/2014.

o suporte deixa de ser o papel e passa a ser a tela. Por esse viés, a Literatura de Cordel acaba por atingir um público diversificado, diferente daquele tradicional, composto em sua maioria por trabalhadores da periferia ou sertanejos. Hoje o cordel vem conquistando maior espaço nas universidades, nas escolas, nas feiras, inclusive na *web*, tornando-se mais visível, nacional e internacionalmente.

Nesse contexto, a internet contribuiu/contribui para maior propagação e divulgação desta Literatura, já que a rede proporciona que um grande número de pessoas tenha acesso ao ‘folheto eletrônico’, digitalizado e pronto para leitura ou *download*, o que resulta na divulgação, comercialização e expansão. Gera-se, com isso, um novo ciclo de produção dos folhetos no ambiente virtual. O cordel hoje se divide entre sua forma sólida e estática da impressão no papel e navega por entre nuvens cibernéticas. Para confirmar tal dualidade, Mendes (2011) nos esclarece que:

[...] os novos suportes nunca “superam” completamente os meios de comunicação anteriores. A relação que se estabelece é de coexistência, apesar de que a criação de um novo veículo acaba ofuscando os demais, forçando-os a se adaptarem, a se atualizarem, face aos desafios da modernidade (MENDES, 2011, s/p – aspas do autor).

O pensamento de Mendes aqui expresso talvez ajude a compreender porque a divulgação e a comercialização dos folhetos de cordel por meio da internet ainda não é bem vista entre alguns cordelistas, pois há o ressentimento da perda da tradição, “do corpo a corpo”, para o texto virtual, como afirma Franklin Maxado<sup>8</sup>. Mas, ao mesmo tempo, o poeta afirma que se “é para manter a tradição viva e caminhando, escrevo até no computador, embora prefira o papel e o lápis, como esses versos que trouxe rascunhado para vocês”.

Por outro lado Lemos sustenta o argumento que o:

[...] surgimento de um novo meio acaba renovando a percepção que o homem tem de seu mundo, em decorrência de novas configurações de tempo e espaço. Por exemplo, a pós - modernidade é apontada como o terreno de desenvolvimento da cibercultura, onde o espaço e o tempo não podem mais ser percebidos como seus correlatos modernos, em face de uma a mudança cultural de maior amplitude (LEMOS, 2002, p. 65-68).

---

<sup>8</sup> Edição do Projeto “Prosa e Verso”, ocorrida em 17/06/2014 – Campus da UNEB em Euclides da Cunha, DCHT/XXII.

Debruçando na argumentação acima, podemos entender que o ciberespaço ampliou as formas de comunicação, circulação e consumo, habilitando novas alternativas de trabalho, de comércio e de acesso a bens e serviços.

Frente a esse ‘novo tempo’ o cordel se adaptou às novas demandas da contemporaneidade, mas alguns poetas de cordel vivenciam o dilema do ressentimento, por receio de que ele perca suas características primeiras e deixe de “ser sólido”, ou seja, que desapareçam os folhetos em sua forma concreta e que se dê lugar apenas à forma virtual, como afirma Benjamin (2000), ao informar que:

Muitos pensadores, especialmente os folcloristas, de formação tradicionalista, se chocam com o impacto das novas tecnologias sobre a Cultura tradicional. Enquanto se discutem os estragos advindos das novas tecnologias, o povo vai tratando de processar a sua cultura nas novas tecnologias, e mesmo a própria tecnologia na sua cultura. Assim é que surgiu um poeta cibernético na tradicionalíssima literatura de cordel brasileira (BENJAMIN, 2000, p. 81).

Independentemente do cordel divulgado e comercializado via internet, ao que se faz fora da rede, bem como na própria rede, o importante é que tais discussões dão fôlego à sua produção. Assim, sem perder suas características, os folhetos de cordel são hospedados no ciberespaço que, conforme Lemos (2004), constitui-se em um conjunto de redes de telecomunicação criadas com o processo digital das informações.

No ciberespaço os cordelistas, através de sistemas compartilhados, podem elaborar o cordel na própria rede, como é o caso do *cibercordel*. O termo refere-se ao fato de que o cordel é construído explicitamente sob a proposta de criação coletiva e da interatividade que a plataforma do ciberespaço permite. Com os novos suportes virtuais a literatura de cordel articula-se frente a uma das perspectivas da contemporaneidade, a que busca um “novo jeito de olhar o mundo com a inocência dos tempos antigos” (CARVALHO, 2002, p. 287).

Grande velocidade das informações e inovações, mudanças no mundo do trabalho e a disseminação de novos conhecimentos, tudo isso veio, de algum modo, questionar formas “antigas” de escrever, emitir informações e transmitir saberes. O ciberespaço, com isso ajudou a literatura de cordel a propagar suas produções, pois como define Lévy (2009) ele é:

[...] o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores. Essa definição inclui o conjunto dos sistemas de comunicação eletrônicos (aí incluídos os conjuntos de redes hertzianas e telefônicas clássicas), na medida em que transmitem

informações. Consiste de uma realidade multidirecional, artificial ou virtual incorporada a uma rede global, sustentada por computadores que funcionam como meios de geração de acesso (LÉVY, 2009, p. 92).

Por essa perspectiva podemos afirmar que a partir do suporte do ciberespaço os cordelistas podem ampliar seus conhecimentos e utilizá-lo para expandir suas produções ao aproximá-las das pessoas, já que o acesso ao ciberespaço já faz parte da rotina de muitas pessoas espalhadas pelo mundo.

Com a incorporação de novas tecnologias, impressas e eletrônicas, o cordel (re)existiu frente à própria tecnologia. É antagônico, mas observa-se que a causa de sua ‘morte’ foi uma espécie de válvula de escape para sua sobrevivência. Nesse sentido, o cordel se faz antropofágico, simbiótico, pois sempre que está à deriva encontra no próprio fim, ao unir-se a ele, uma forma de emergir. Essa nova maneira de se manter vivo enquanto tradição ressignificada também permite que surjam novos autores e formas de colaboração. Como exemplo, temos as pelepas cordelistas, que foram incorporadas ao meio digital sem perder o dinamismo, pois as pessoas interessadas podem acompanhar e conferir o resultado “em uma ágora eletrônica global” (CASTELLS, 2004, p. 168).

Por esse estudo, vê-se que os folhetos de cordel, ao longo de sua trajetória, se materializaram em diversos suportes: o corpo (vocalidade/memória); o papel (escrita) e o hipertexto (virtual). Vale ressaltar, que um novo suporte não descredencia os anteriores. Voz, escrita e hipertexto dialogam em busca de uma mesma finalidade: a produção dessa literatura. Embora no hipertexto a noção de presença seja um tanto latente, mas há um corpo/ânima e uma vocalidade tanto em quem o produz, quanto em quem o frui.

### **Literatura de cordel e hipertexto**

A escrita evoluiu da completa linearidade, com o texto sem pontuação ou parágrafo, para uma organização em forma de árvore, através da hierarquização de conteúdos. Nesse processo os sumários ou indicações de conteúdo perderam a materialidade do papel ao migrarem para a rede, transformando-se em hipertextos, passando a ser ligados por blocos de conteúdos, propiciando a cada usuário uma navegação pessoal, com liberdade para construir sequências de leitura de acordo com seus interesses.

Segundo Lévy (1993), a ideia de hipertexto foi enunciada pela primeira vez em 1945, pelo físico e matemático Vannevar Bush, por meio de um artigo intitulado *As we may think*, que elaborou uma visão da extensão da memória, onde conjecturou que a mente humana funciona através de associações, que pula de uma representação a outra ao longo de uma rede intrincada, desenha trilhas que se bifurcam e, com isso, elabora uma trama por demais complexa do que a que se usa em bancos de dados. Lévy segue informando que a partir de seus estudos Bush criou um dispositivo chamado *Memex*, que permitia ao operador armazenar textos, desenhos e notas em sistemas de microfilmes.

Já de acordo com Zanutto (2007), a essência do *Memex* consistia em uma indexação associativa. Isso significa que a informação podia ser recuperada artificialmente, forçando pesquisas para traçar suas necessidades, seguindo uma rígida classificação de ordem numeral e alfabética. O uso dessa informação poderia ser feito juntamente com muitos outros usuários. Sabe-se que esse foi o primeiro movimento em direção à interatividade como forma de buscar informação e conhecimento. Com o *Memex* seria possível armazenar, por exemplo, uma biblioteca de informação que poderia ser procurada depois, de modo hipertextual, com total autonomia por parte do usuário.

Outros projetos como o de Bush foram desenvolvidos na busca por consolidar um sistema para escrever e ler por meio de blocos de textos que, se o leitor quisesse, poderia modificar. Assim, o projeto Xanadu, proposto por Theodore Nelson, cunhou a expressão hipertexto para descrever a ideia de uma escrita não sequencial, ou seja, um texto que se bifurca e que permite ao leitor fazer escolhas para sua leitura. Com o hipertexto são desenvolvidas novas competências de escrita e leitura. A narrativa contempla diversos pontos de vista, não tem começo nem fim Levy (1993).

Com a possibilidade do texto digital, os blocos puderam ser organizados e associados a imagens e sons. A leitura do hipertexto passou a ser multimídia. Como afirma Levy (1993), “hipertexto é um conjunto de nós ligados por conexões” (p. 33). Os nós são os conteúdos apresentados em palavras, imagens, sons, textos mais complexos, em que um se liga ao outro sem uma sequência rígida. Dentro de cada nó pode existir outros hipertextos, como podemos notar na imagem que se segue e que faz parte da página inicial do sítio eletrônico da ABLC:

**Figura 1 – Print screen de uma das seções do site da ABLC – Notícias**



Fonte: Site da ABLC<sup>9</sup>.

A partir da configuração do hipertexto foi possível à ABLC organizar seu acervo, digitalizar os cordéis, compilar uma espécie de minibiografia dos principais cordelistas, assim como ensinar aos usuários sobre a métrica do cordel. O sítio foi organizado em blocos montados de modo não sequencial, oferece múltiplas possibilidades de entradas e saídas, permite que os visitantes construam sucessões atemporais ao escolher um determinado *link* e que, assim, avance por saltos, passando de uma entrada a outra com base em informações referenciais e seguindo o encadeamento de suas ideias (ZANUTTO, 2007).

Destaca-se, aqui, a não linearidade, característica fundamental do hipertexto e que está presente na estrutura do *site* da ABLC, a qual proporciona múltiplas possibilidades de acessar o acervo, uma vez que, quem decide por onde iniciar a leitura é o próprio usuário. A não linearidade do hipertexto e a capacidade de retornar ao ponto inicial podem ser consideradas como vantagem sobre os documentos impressos. O *link* mostra-se de diversas maneiras e situa-se por toda parte, seja no corpo do texto ou na tela do computador.

O hipertexto é um sistema em movimento incessante, como afirma Levy (1993), que nos diz ainda que com um ou dois cliques, obedecendo por assim dizer ao dedo e a ao olho, apresenta-se ao leitor uma de suas faces, depois outra, certo detalhe ampliado, uma estrutura complexa esquematizada *etc.*, pois que se redobra e desdobra

<sup>9</sup> Disponível em: <<http://www.ablc.com.br/>>. Acesso em 28/06/2014.

à vontade, muda de forma, se multiplica se corta e se cola outra vez. Não é apenas uma rede de microtextos, mas sim um grande metatexto de geometria variável, com gavetas, com dobras. Um parágrafo pode aparecer ou desaparecer sob um termo, três capítulos sobre uma palavra do parágrafo, um pequeno ensaio sob uma das palavras destes capítulos e assim virtualmente, sem fim, de base falsa em base falsa (LÉVY, 1993).

Em permanente interação, o hipertexto funde e sobrepõe inúmeros textos que são simultaneamente acessíveis a um simples clique, a exemplo da página inicial do *website* da ABLC, a partir de onde podemos acessar o *Blog* da Instituição, que por sua vez nos indica à página da academia no *Facebook*:

Figura 2 - Print screen de uma das seções do site da ABLC – Blog



Fonte: Site da ABLC<sup>10</sup>.

Eis um breve panorama do que vem a ser um hipertexto: polifônico e dialógico, já recaindo no conceito de Bakhtin (2003), que entende polifonia no sentido de diversas vozes presentes em um texto. Aqui podemos nos referir a diversas vozes que podem estar ligadas, de algum modo, ao hipertexto e que não lhe deixa solto, embora sua estrutura seja não linear.

Diante de um hipertexto o usuário deixa de ser um leitor/fuidor passivo e assume um papel interativo, à medida que navega no texto, pulando de um bloco a outro, seguindo uma trajetória própria, pois é quem decide onde começa e termina seu contato com esse universo hipertextual. Com isso, temos uma leitura não linear, onde a noção do que seja primeiro ou segundo cai por terra.

<sup>10</sup> Disponível em: <<http://www.ablc.com.br/>>. Acesso em 28/06/2014.

Nesse contexto o *link* se torna ferramenta que nos permite navegar no hipertexto, operador de coesão hipertextual, o qual apresenta as funções sequencial, recorrencial e referencial e se expressa por meio de uma informação condensada, que propicia o encadeamento do texto (ZANUTTO, 2007). Além disso, cria-se um canal de diálogo entre as páginas, reforçando a interatividade/sociabilidade entre o homem e a máquina, a qual, como afirma Lemos (2004), marca nossa relação com o mundo e com a vida social.

### **Considerações finais**

A internet, sob o ângulo aqui estudado, parece ser o espaço de convergência para o encontro de informações. Neste espaço as tradições também encontram um território de pertencimento, permitindo, portanto, que o tradicional ultrapasse as fronteiras da oralidade e da memória e voe em ‘nuvens cibernéticas’.

Vê-se que a ABLC criou um espaço para divulgação da literatura de cordel, além da comercialização de folhetos, veiculação de notícias de eventos, postagens de vídeos com cordelistas declamando seus cordéis e versos, projetos desenvolvidos pela ABLC, enfim, que disponibiliza vasta informação com o intuito de realçar que o cordel tem (re)existido frente à contemporaneidade, além de ter se presentificado também no ciberespaço.

Em um tempo em que as tecnologias ditam comportamentos é preciso aprender a conviver com as mudanças. Para tanto se faz necessário desprendimento e criatividade. O cordelista contemporâneo busca no ciberespaço possibilidades de levar sua poesia a novos e ampliados públicos, interage entre redes, ‘cibercomunidades’, diferentemente de sua prática tradicional/virtual, que perdura. Ao resistir e (re)existir em meio a tantas adversidades, divide-se entre praças e feiras livres, os varais e fiapos de algodão e o fugaz corpo e espaço hipertextuais.

### **Referências**

ANDRADE, Luiz Adolfo. **Jogos de realidade alternativa: cibercultura, espaço e (trans)mídia cultura contemporânea**. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2012.

ABREU, Márcia. **Histórias de cordéis e folhetos** / Márcia Abreu. Campinas: Mercado de Letras ALB, 1999.

**ACADEMIA BRASILEIRA DE LITERATURA DE CORDEL.** Disponível em: <<http://www.ablc.com.br/>>. Acesso em 28/06/2014.

AMORIM, Maria Alice. **No visgo do improviso ou a peleja virtual entre cibercultura e tradição.** São Paulo: COS-PUC, 2007. Dissertação de Mestrado. Orientadora: Doutora Jerusa de Carvalho Pires Ferreira. Disponível em: <[http://www.sapientia.pucsp.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=5557](http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=5557)>. Acesso em 10/06/2014.

Secretaria de Cultura, Desporto e Promoção Social. **Antologia Da Literatura De Cordel.** Fortaleza, 1978.

ARRUDA, Eucídio. **Ciberprofessor: novas tecnologias, ensino e trabalho docente.** Belo Horizonte: Autentica/ FCH – FUMEC, 2004.

BAKHTIN Mikhail. **Estética da criação verbal.** 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BENJAMIN, Roberto. **A folkcomunicação no contexto de massa.** João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB, 2000.

BRANT, Kênia Faria. **O cordel na superfluidade do mundo contemporâneo.** Dissertação de Mestrado em Estudos de Linguagens do CEFET-MG. Orientador: Dr. João Batista Santiago Sobrinho. Belo Horizonte, 2013, 138f. Disponível em: <[http://www.ifmg.edu.br/site\\_campi/g/images/arquivos\\_governador\\_valadares/K%C3%A2nia\\_Faria\\_Brant\\_-\\_Disserta%C3%A7%C3%A3o.pdf](http://www.ifmg.edu.br/site_campi/g/images/arquivos_governador_valadares/K%C3%A2nia_Faria_Brant_-_Disserta%C3%A7%C3%A3o.pdf)>. Acesso em 10/06/2014.

CARVALHO, Gilmar de. **Cordel Cordão, Coração.** In Revista do Grupo de Estudo Linguísticos do Nordeste. GELNE Fortaleza, vol. 04. n. 01/02, 2002, p. 285-292.

CASTELLS, Manuel. **A Era da Informação: economia, sociedade e cultura**, vol. 3. São Paulo: Paz e terra, 1999.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia internet: reflexões sobre a internet, negócios e sociedade.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

DOURADO, Gustavo. Cordel: do sertão nordestino à contemporaneidade da internet. In: **Portal Cronópios**, Coluna Cordel na Internet, 2007. Disponível em: <<http://cronopios.com.br/site/colunistas.asp?id=2608>>. Acesso em 16/07/2014

GALVÃO, Ana Maria. **Cordel: leitores e ouvintes.** Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

LE MOS, André. Cibercultura e Mobilidade: a Era da conexão. **Razón y palabra**, nº 41. Universidade Federal da Bahia, 2004. Disponível em:

<<http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/cibermob.pdf>>. Acesso em 16/07/2014.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**. Rio de Janeiro: Editora. 34, 1993.

\_\_\_\_\_. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2002

\_\_\_\_\_. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 2009.

\_\_\_\_\_. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. São Paulo: Loyola, 1998.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Ofício de cartógrafo: travessias latino-americanas da comunicação na cultura**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

MENDES, Simone de Paula dos Santos. **Um estudo da argumentação em cordéis midiaticizados: da enunciação performática à construção discursiva da opinião**. Orientador: Dr. Wander Emediato de Souza. [tese doutorado]. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2011. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/DAJR-8ELJJT/1058d.pdf?sequence=1>>. Acesso em 10/06/2014.

MOISÉS, Massaud. **A literatura portuguesa através dos textos**. São Paulo: Cultrix, 1968.

ZANUTTO, Silvia Helena Firmino. **Hipermídia: novo formato para o conhecimento**. Universidade Presbiteriana Mackenzie de São Paulo. São Paulo, 2007. Dissertação de Mestrado em Letras. Orientador: Dr. Wilton Luiz de Azevedo. Disponível em: <[http://www.livrosgratis.com.br/arquivos\\_livros/cp068926.pdf](http://www.livrosgratis.com.br/arquivos_livros/cp068926.pdf)>. Acesso em 28/06/2014.